

Panoias, estende-se ao Norte do Cabo de S. Vicente, e não muito distante d'ele, posto que separado por montanhas.

A maior objecção que lembro contra mim mesmo é a repetição do grupo *konii* na inscrição de Panoias. Repetir-se-ia duas, tres vezes, quer um nome etnico, quer uma palavra aparentada com ele? Ou haverá aí apenas uma fórmula funerária? Outros mais sabedores do que eu discutião o problema que lhes apresento.

J. L. DE V.

### Notícia de alguns instrumentos neolíticos de grande comprimento

**Sumário.**—Descrição dos instrumentos; sua comparação com outros portugueses e estrangeiros; significado.

Em 1923 tive ocasião de examinar, em casa do importante lavrador, hoje falecido, Miguel Eduardo de Oliveira Fernandes, de Beja, dois instrumentos neolíticos de excepcional comprimento, os quais tinham aparecido havia anos numa das suas propriedades chamada Herdade do Vale de Coelheiras, sita na freguesia de Mesajana, concelho de Aljustrel, distrito de Beja. Estes instrumentos encontram-se hoje no Museu de Beja, por disposição testamentária do seu proprietário, e excedem muito em comprimento todos os outros, portugueses e estrangeiros, de que tenho conhecimento.

Um tem 0<sup>m</sup>,90 de comprimento, e apresenta secção elíptica com o máximo de 0<sup>m</sup>,07 de eixo maior e 0<sup>m</sup>,04 de eixo menor (fig. 1, A).

E levemente curvo, polido com regularidade, com uma extremidade espalmada e mal aguçada, e sem vestígios de utilização. A parte oposta apresenta-se muito aguçada.

O segundo (fig. 1, B) encontra-se já fragmentado e existem d'ele duas partes, felizmente as maiores. Medem elas juxtapostas 1<sup>m</sup>,02, parecendo que a parte que falta teria ainda 0<sup>m</sup>,05 ou 0<sup>m</sup>,06. Regularmente trabalhado, de secção circular, com o perímetro máximo de 0<sup>m</sup>,18, mostra-nos também a parte correspondente ao gume, talvez empunhadura, achatada, e a extremidade oposta a terminar em bico.

Estes instrumentos apareceram juntos. Próximo do local do aparecimento outros objectos da época da pedra polida se encontraram depois.

Posteriormente (1929) tive ocasião de examinar no Museu do D.<sup>or</sup> João da Cruz e Silva, em S. Tiago do Cacém, um outro instrumento que se aproxima muito dos que acabei de descrever (fig. 2).

Acentuadamente encurvado, o seu comprimento medeia entre 0<sup>m</sup>,853 e 0<sup>m</sup>,88. As suas extremidades são ponteagudas, em especial uma; a secção que é circular, tem de perímetro máximo 0<sup>m</sup>,82.

Este instrumento foi descoberto na Herdade de Enxarafinho, na freguesia de Nossa Senhora-a-Bela, concelho de S. Tiago do Cacém, quando andavam a lavrar. Foi depois oferecido ao S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Cruz e Silva, a quem obsequiosamente devo estes informes.

\*

Se compararmos os instrumentos acima descritos com os maiores dos museus portugueses, verificaremos que estes lhes ficam em comprimento a grande distância. Nenhum dos milhares existentes no Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, nenhum da Comissão Geológica se aproxima de tais dimensões: naquele há um de Redondo com 0<sup>m</sup>,36 e vários entre 0<sup>m</sup>,34 e 0<sup>m</sup>,35 (n.<sup>os</sup> 8752, 8313, 8623); nesta um, fragmentado nas pontas, das vizinhanças de Mafra, com 0<sup>m</sup>,35.

Nos outros museus portugueses o mesmo se observa. Do Museu da Figueira conheço um da Várzea do Lírio com 0<sup>m</sup>,34 (n.<sup>o</sup> 8785); no de Guimarães um com 0<sup>m</sup>,348; no Museu Antropológico do Pôrto um outro de quartzite, obtido em Goucha (Alpiarça) pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Mendes Correia, que mede 0<sup>m</sup>,495 (fig. 3). Até o presente era este o



Fig. 1



Fig. 2

maior descrito entre nós<sup>1</sup>, e contudo não chega a ter metade do comprimento do maior de Beja!

Dos instrumentos estrangeiros refere-se Déchelette a um da Bretanha com 0<sup>m</sup>,468 e a alguns da Suécia com mais de 0<sup>m</sup>,50<sup>2</sup>, e o S.<sup>or</sup> Antonio Blazquez estudou dois aparecidos no cêrro de Mataquintos, nas imediações de Corral de Caracuel (Espanha), semelhantes aos de Beja, medindo um, de secção oval, 0<sup>m</sup>,70, e outro, já quebrado, de secção cilíndrica, 0<sup>m</sup>,45<sup>3</sup>. Nenhum porém atinge o comprimento dos de Beja e do de S. Tiago do Cacém!



Fig. 3

\*

¿Que utilização ou significado teriam estes instrumentos?

Angel de Cabrera, que procurou a interpretação dos instrumentos neolíticos de Corral de Caracuel, relaciona-os com utensílios pétreos fusiformes (*plummets*) encontrados nos Estados Unidos em túmulos antigos<sup>4</sup>. Seguindo o D.<sup>or</sup> Yates o mesmo A. considera-os talismãs, espécies de varinhas mágicas para curar enfermos, atrair a caça ou pesca, afugentar o perigo na luta, etc.

Uma espécie de clava de Vilar Sêco (Nelas), de 0<sup>m</sup>,71 de comprimento, munida de um buraco numa das extremidades, existente no Museu da Figueira e citada pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Fortunato de Almeida na *História de Portugal*, vol. I, p. 15, parece confirmar esta hipótese. Contudo afigura-se-me que os instrumentos de Beja e de S. Tiago do Cacém, bem como os de Corral de Caracuel, constituem tipo diferente da clava de Vilar Sêco e dos *plummets* americanos. Seriam possivelmente machados votivos, de significado idêntico ao dos machados encabados de calcáreo encontrados na necrópole de S. Martinho de Sintra e nas grutas de Cascais, e respectivamente existentes no Museu Etnológico do D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos e na Comissão Geológica.

<sup>1</sup> Cf. D.<sup>or</sup> Mendes Correia, «Lusitânia pre-romana», in *História de Portugal*, ed. da Portucalense Editora, p. 127.

<sup>2</sup> Déchelette, *Manuel d'Archéologie préhistorique*, vol I, Paris, 1908, pag. 513.

<sup>3</sup> Antonio Blazquez, *Instrumento neolítico de Corral de Caracuel*, Madrid 1915.

<sup>4</sup> Angel Cabrera, *Sobre los instrumentos neolíticos de Corral de Caracuel*, Madrid 1915.

Confirma esta interpretação o culto que prestam ainda hoje à pedra polida os indígenas de Bornéu, Nova Caledónia e Austrália<sup>4</sup>.

MANUEL HELENO.

(Comunicação ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pre-histórica).

## Antiguidades Alentejanas

### Sumario

- I. Castro de ao pé de Gáfete, chamado *Castelo Velho*. Outras antiguidades d'esses sitios.— *Conspecto cronologico geral*.— II. Estação romana próxima de Nisa: *villa* ou *vicus*.— Objectos aí achados: ara consagrada a uma divindade desconhecida; lucerna com a figura de Mercurio no anverso.— III. A Senhora da Graça em Nisa a Velha.— Poesia popular e lendas cristãs.— Nisa a Velha deve ter sido tambem um couto.— Romanização dos arrabaldes.— IV. Vila de Montalvão: sua igreja e castelo.— Mais uma estação romana (em Pero Galego).— Novos descobrimentos epigraficos.— Arqueologia a rôdos!

### I

As ferias pascais deste ano acontece-me passá-las em Tolosa, por convite de meus queridos primos, o D.<sup>or</sup> Antonio Maria Gouvêa Biscaya Hortas, e familia. Conquanto eu já não devesse de falar ferias, foi habito em que fiquei dos tempos de estudante, e de quando me dediquei ao ensino,

Aproveitando, para investigações, no circulo dos meus estudos, esta temporada na provincia, como sempre faço quando saio de Lisboa, alguma coisa consegui já; como não posso referir-me a tudo, circunscrever-me-hei em dar conta de três excursões archeologicas, realizadas por estes sitios, mercê da complacencia de amigos, que estiveram de bom animo para m'as facilitar.

O presente enraiza-se no passado; e ha tantas coisas que vêm d'ele, que talvez não desagrade de todo a um ou outro leitor a convivencia em que, por momentos, o vou pôr com coisas antigas.

<sup>4</sup> Vid. Angel Cabrera, *ob. cit.*